INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data
Cod. 11D00105

CEDI

POLÍTICA RELIGIOSA PARA AS MINORIAS INDÍGENAS

INTRODUÇÃO: Quando do meu 1º contato com o índio tudo o que eu sabia é que havia estudado na escola e ouvido dos missionários. Em síntese que o índio era preguiçoso, feiticista e cultuador de demônio, um ser inferior, meio gente meio bicho, mais prá bicho que prá gente.

Essa formação prejudicou bastante o meu entrozamento com ele, pois nem sequer me interessei por aprender sua língua que me parecia selvagem e inútil. Eu estava lá para ensinar.

Durante uns 3 anos mais ou menos, eu só era aceito por ele porque como agente de pastoral tinha também o poder (verbas, máquinas, etc...).

No contato mais constante fui descobrindo que tudo que aprendera não era verdade e que algumas cousas eram mentiras deslavadas; foi então que comecei a estudar a sua religião os seus costumes e um pouco da língua. Percebi que muitas das dificuldades que temos para tratar com o índio aculturado tiveram início no processo de contato de dar presentes e começa aí o paternalismo do qual dificilmente se libertam as missões.

O MISSIONÁRIO:

As instituições que cuidavam do preparo de missionários em sua maioria quer por causa da doutrina, ou para sensibilizar as comunidades que os sustentam e enfatizam a miséria, a ignorância e a depravação espiritual do índio, tais missionários vão com tamanha carga de superioridade que muitas vezes são incapazes de descobrir valores nos costumes, e especialmente na religião indígena, por isso o que fazem é demolir tudo que no parecer deles é contra a moral, a étca cristã. Em muitos casos ao invéz de evangelização tem se a ocidentalização do índio. A desorganização de sua estrutura e a impossilidade de se estabelecer uma sociedade nos moldes dos civilizados na maior parte das vezes, deixa-os perdidos e deslocados.

A dificuldade da comunicação da religião começa da conscepção do mundo que tem o índio; Jerusalém, Jordão, Mar Vermelho não dizem nada para ele; a própria doutrina escatológica de um céu que é cidade dificilmente pode atraí-lo, o nosso conceito de pecado também não é muito fácil de ser ensinado. Na/ maior parte das vezes a religião foi impingida ao índio que perdendo a condição de levar a sua vida normal por causa da interferência dos brancos fez com que ele se tornasse dependente do missionário, porque este tinha o poder (remédios, ferramentas e etc...), e nesse caso adotado a religião do elemento de dominação (o missionário), mas na verdade em seu íntimo e em particular, adorava seus deuses com nome cristão, ou então era um cristão muito constrangido e ocidentalizado.

AS MISSÕES:

As missões católicas no passado tinha por objetivo cristianizar o índio e eram considerados cristãos os batizados. O processo de mutilação da cultura indígena dependia um pouco da ordem religiosa que estava sujeito e do tipo de missionário que estivesse nas bases, mas de um modo geral também consideravam o índio pagão e condenado aos infernos, dava muito pouco valor às suas tradições e também faziam tudo para apagar o que para eles cheirava espiritismo. Entre os Guaranis mais especificamente Kaíwas, as dificuldades e as barreiras eram enormes, pois os Guaranis são espiritualistas e sua religião interior muito difícil de ser mudada, além do que o uso de imagens lhes era quase um sacrilégio.

OS PROTESTANTES:

As missões protestantes em sua maioria estrangeiras podia ser dividida a grosso modo em 2 grupos: as tradicionais e missões de fé.

Tradicionais: Vinham sempre com uma proposta / assistencial ao lado da pregação religiosa. A assistência consistia quase sempre médica e educação (escola). Também aqui a falta de um preparo que partisse do respeito aos valores indígenas ocasionou muitas dificuldades e decepções e não se avaliou ainda os danos que isso tenha causado aos índios.

O uso da medicina branca e a desencentivação e até combate à medicina indígena, levou-os a perder a capacidade/ do uso de ervas medicinais e outros tratamentos milérnamente conhecidos colocando-os em extrema dependência dos brancos.

O uso indiscriminado de antibióticos, corticóides, etc..., criou problemas de todos conhecidos, porém neles / muito mais agravados. É bem verdade que o índio não possuía resistência e nem remédios para os males herdados dos brancos, especialmente a tuberculose; não pensaram os primeiros missionários que a impossibilidade do Pajé curar a tuberculose pelo seus / meios acabariam levando-o a desmoralização que não era do Pajé , mas da instituição Pajelância, em alguns casos até forçaram essa desmoralização sem imaginar que com isso ocasionava uma desestruturação da comunidade e nem levaram em conta de como o índio encara a enfermidade.

De uma forma geral consideram uma doença com conotações espirituais e comunitárias, assim no ritual de cura o Paí jamais diz que a cabeça de um membro está doente, porém diz nós estamos com nossas cabeças doentes.

Isso teria implicações que também não foram levadas em conta. A 1º delas é que o tratamento indígena era feito de forma comunitária, enquanto dos brancos pela hospitalização.

A retirada do membro doente para o hospital / causava-lhes enormes transtornos sem dúvida o maior deles é que o índio detesta ser confinado, depois de sua longa ausência dava idéia de abandono para a família que muitas vezes se reorganizava com 3º elemento. Depois de curado seu regresso à comunidade / não era menos díficil.

As dificuldades para o tratamento ambulatorial não eram menores; em 1º lugar é sabido que a alimentação é fundamental na recuperação dos doentes de T.B. bem como abrigo, higiene, etc..., ora! o índio que tinha no hospital todos os cuidados em sua xoça não havia nem alimento, nem higiene, é quase impossível a sua recuperação. Por outro lado alguns medicamentos empregados eram tóxicos ou tinham efeitos colaterais e dependiam de acompanhamento médico. Ainda no raciocínio do índio, se uma pílula por dia cura em 6 meses logicamente 2 cura em 3; e não era raro os casos de intoxicação por ingestão de alta dose de medicamento.

Partindo do mesmo raciocínio, se a tuberculose dá febre e a hidrazida cura a tuberculose, portanto era comum / que eles repassassem o medicamento a outras pessoas que também / tivesse febre por qualquer outra causa. Ao médico branco faltava a autoridade do Pajé para dizer que aquela pílula era sagrada e só podia tomar uma a que era tabú para as demais pessoas.

Ao meu modo de ver é aí que faltou uma união / de médico com Pajé.

Conheço uma experiência semelhante com excelentes resultados ocorrido em Porto Feliz, onde um jovem médico ao chegar na cidade encontrou um curador famoso e que lutava terrivelmente com um problema de epidêmia que grassava pela região. O médico iniciou a luta, mas percebendo suas limitações, ao invéz/ de combater o curador juntou-se a êle no seguinte acordo: o médico dava os remédios que devia ser tomado com a "garrafada" do curador e as injeções deviam ser seguidas de compressas receitadas pelo mesmo e então se juntaram 3 coisas: o remédio, a mística e a fé do povo que sem dúvida alguma contribuíam para produzir as necessárias "reações" do organismo.

Entendo que coisa semelhante poderiam ter sido tentado com os índios, talvez a resistência a isso tenha sido / muito mais dos religiosos do que propriamente dos médicos.

A EDUCAÇÃO:

O conceito de educação do índio, pode ser elaborado da seguinte forma: educar que é proporcionar meios para / que a pessoa aprenda a viver em comunidade, um Kaiwá se prepara/ para ser um bom Kaiwá.

O conceito de educação dos missionários, poderia ser mais ou menos elaborado da seguinte forma: nós sabemos/ que temos uma cultura superior e queremos transmitir, e o objetivo final era fazer do Kaiwá um não Kaiwá, isto é, um civilizado, ora se isso parte de um fundamento errado na verdade o que se / consegue é uma aculturação.

No processo indígena de educação ela é acumulativa e experimental e adequa o indivíduo a cada estágio da sociedade.

A educação civilizada é muitas vezes abstrata, decorativa e não leva em conta a utilidade prática do momento, / ex: quando um menino índio começa a aprender a fazer uma flecha/ provavelmente já terá visto e até comido um animal morto por ela está consciente portanto de sua utilidade, porém quando lhe ensinam a traçar o BE-A-BA, ele nem pode imaginar prá que serve isso e na verdade julga algo aborrecidamente inútil como se comessas-

se a ensinar um civilizado a apertar botões sem que esse soubesse que tais botões acionariam máquinas que produzissem trabalho. Assim quando o índio se mostrou resistente a tal processo foi considerado inapto ao aprendizado das letras.

Por outro lado a finalidade com que se ensinou o índio a ler não foi muito clara, algumas vezes se diziam que ele devia aprender ler para não ser enganado pelos brancos, afirmação logo desmoralizada, porque muitos índios apesar de possuirem documentos percebiam qüão inútil eles eram; outros diziam / que precisava ler para ler a bíblia, afim de aprender a religião dos brancos.

Ao meu modo de ver isso só aumentava a resistência e há centenas de índios que foram alfabetizados na infância/ e que hoje mau escrevem o nome, pois as coisas inúteis que aprendemos também esquecemos com facilidade.

Outras dificuldades também enfrentou a escola, pois o espírito de liberdade do índio não coadunam com filas, campanhias, frenquências e especialmente prestar atenção em algo / que não lhe interessa.

Muitas vezes a maior motivação da escola consistiu na merenda escolar e presentes que recebiam. É óbvio que houve excessões assim como há branco com espírito de índio, há indios com espírito de branco.

Outro aspecto do ensino foi a tentativa de profissionalização do índio, também aí não levou muito em conta o seu interesse, mas a possibilidade da missão, assim os cursos eram mais ou menos ministrados de acordo com a capacidade do missionário ou a facilidade de se conseguir dotações, cursos de corte e costura e até de alfaiataria para quem a roupa é um distintivo da dominação branca era comum, teorias agrícolas sem nenhuma / possibilidade de aplicaçao na prática, também foram tentados creio aqui também ter faltado maiores conhecimentos de antropologia e da cultura indígena ou ainda uma vez mais agíu a pressuposição/ de que o que é bom para nós é bom para eles.

Houve uma missão que fez uma tentativa da criaçao de coelhos para alimentaçao do índio e o fracasso foi total , em 1º lugar por questões técnicas a cunicultura para sucesso requer muita técnica e principalmente higiene, porém outro fator de ordem psicológica não foi levado em conta, quando um Kaiwá está ruim de situação se diz que ele está "okarú tapití" (comendo lebre), corresponde mais ou menos a pão e banana no português. O índio não conhece a diferença entre lebre e coelho, portanto pretender alimentá-lo com lebre era reduzí-lo ao último degrau da marginalidade. Poderia citar ainda o ensino de outras artes e ofícios/ que só contribuíram para destribalização do índio e sua conseguente marginalidade.

MISSÕES DE FÉ:

Muito atuante especialmente na Amazônia partem do príncipio de que o evangelho tem de ser pregado a toda criatura, portanto o índio está incluído; outro princípio é de que o fim do mundo só virá após a pregação do evangelho a última criatura , empenham-se em atingir esse objetivo embrenhando-se pela mata a procura de quem ainda não tenha ouvido o evangelho, canalizam seus esforços no aprendizado das línguas, mantem institutos /

de lingüistica e são bastantes especializados na matéria. No seu esforço para o aprendizado da língua não estavam incluídos o desejo de conhecer as tradições e culturas indígenas, mas sim em traduzir a bíblia e falar de Jesus, eram bastantes radicais e fundamentalistas em suas doutrinas, o que contribuia certamente/ também para a destribalização e marginalidade.

Seu tipo de apelo é muito forte e sua dedicação comovente e embora a maioria deles não disponha de salários/ fixos acabam conseguindo muitos recursos que empregam na obra / por possuírem equipamentos tais como: lanchas voadeiras, aviões, etc..., tem sido acusados desde contrabandistas até agentes da CIA, dos que pessoalmente conheço sei que a acusação é falsa quase sempre partindo de organizações religiosas enciumadas, pu de técnicos que não contam com os recursos que eles tem e muito menos a competência, porém ao meu modo de ver falta-lhes ainda o desejo de "salvar" o índio como índio, a bem da verdade deve-se/ dizer que não é de todo impossível que pessoas movidas por outros motivos tenham-se infiltrado nessas missões com outros objetivos já que a área de ação deles é muitas vezes de difícil acesso e pode escapar o controle da missão. Como de resto tem acontecido em outros tipos de trabalhos, mesmo de leigos.

As multiplicidades de missoes e especialmente/ de seitas deixa o índio confuso, porque não pode entender como / um Deus único pode ser adorado de forma tão opostas e que tais/ adoradores se degradiem entre si e se proclamem os únicos donos/ da verdade.

A impossibilidade de controle das missões organizadas e da própria FUNAI tem possibilitado o surgimento de movimentos messiânicos ligados ou não a uma denominação organizada.

Depois de 7 anos de experiência.

Como Pastor Metodista creio que o índio também tem o direito de ouvir o evangelho, não contesto, portanto a evangelização ponho dúvida se é correta a forma como tem sido feita especialmente porque em muitos casos não são levados em consideração os valores dos índios, nem defendo um sincretismo religioso, porém acredito que se o próprio Cristo tivesse que pregar a eles o evangelho, começaria de onde eles se encontram.

A principal dificuldade é que o índio divide o mundo em 2 tipos: avá (índio) caraí (civilizado), portanto quem não tem a religião deles tem a dos brancos e pretender enquadrar na doutrina pregadas pelos missionários a vivência de todos civilizados é totalmente absurdo e confritante.

FUNAI:

Impressão que tenho é que ela apenas tolera as missões por ser uma situação de fato e que não pode ser abolida/ sem conseqüências políticas e até certo ponto econômicas. Quase/ todo chefe de posto é vacinado contra missionários e por conseqüências missões.

As missões que estão apenas interessadas nas almas do índio não tem muita dificuldade de relacionamento com a FUNAI, salvo vez por outra quando alguns poucos antropólogos que ainda restam na FUNAI interferem, porque na sua maioria são contrários a evangelização do índio.

Todo missionário que defenda uma linha de missão libertadora enfreta problemas, desde proibição até expulsão/ das áreas, o quê é perfeitamente possível graças a legislação / vingente.

NOVOS RUMOS:

Nos últimos tempos de um modo geral, as missões tem reformulado a sua linha por causa dos mais diversos tipos de pressão, diversas são as formas que tem contribuído para isso: o CIMI com suas denuncias, algumas vezes exageradas tem feito as / missões católicas e protestantes a repensar em seu trabalho, assembléias indígenas, encontros missionários tem ajudado, também / muitas agências financiadoras do exterior estão impondo como condição para o financiamento algumas linhas na direção antropológica, porém sobre tudo creio que a própria experiência dos missionários lhes tenha ensinado muitas coisas e que o próprio Espírito / Santo está agindo no sentido de lembrar aos homens a possibilidade de que o Cristo tenha também ovelhas em outro aprisco.

Scilla Franco

agosto/80